



OUTRAS HISTÓRIAS NA HISTÓRIA DE PORTUGAL E-BOOK

Coordenação: José Carlos Meneses

2023-2024



Ficha técnica

Título:

Outras Histórias na História de Portugal

Coordenação:

José Carlos Meneses

Textos e cartazes:

1.º Ano Licenciatura em Educação Básica

Edição:

ISCE Douro

Design gráfico:

José Carlos Meneses

Email:

geral@iscedouro.pt

Telefone:

255 318 550

Data de edição:

maio 2024

ISBN: 978-989-53326-8-7



Índice

02

Ficha técnica

03

Índice

05

Um e-book ou a forma de consolidar conhecimentos... | *José Carlos Meneses*

08

Rainhas portuguesas impopulares | *Maria Eduarda Pinto*

11

Epidemias e pandemias | *Mariana Couto da Silva*

13

A peste negra e a vingança dos gatos | *Ana Isabel Sousa*

15

Por que razão foi assassinada Inês de Castro. É verdade o beija-mão ao seu cadáver? | *Eduarda Pereira*

18

Descobrir e ser descoberto | *Rita Sousa*

20

Escravos e escravidão | *Margarida Beatriz Ferreira*

22

História. Quando os portugueses perderam Portugal | *Inês Cunha*

25

Sangue, suor e lágrimas. Desde a *Maria da Fonte* | *Beatriz Silva*

27

O traje burguês no século XIX | *Tiago Seixas*



Índice

29

Momentos privados e rituais públicos. As datas e vida de uma mulher | *Sara Alves*

31

Na intimidade. Namoro e virgindade | *Inês Lento*

33

A Segunda Guerra Mundial | *Catarina Moura*

36

Frases ditas e frases feitas | *Carla Ferreira*

38

Todos os livros serão censurados | *Inês Faustino*

40

Povo, nação, país, pátria, estado | *Ana Teixeira*

42

Notas finais

44

Referências bibliográficas

UM E-BOOK OU A FORMA DE CONSOLIDAR CONHECIMENTOS...

Uma forma de interligar os conteúdos de História de Portugal I com uma memorização natural e apelativa aos interesses dos estudantes é elaborar um cartaz temático de acordo com o gosto de cada estudante: quatro a seis frases, complementando-se a tarefa com um texto de vinte e cinco linhas.

A escolha foi feita de entre vários autores, como se indica nas referências bibliográficas. São formas diferenciadas de recolocar muitos assuntos da nossa História num caminho mais completo, verosímil, principalmente. Se tivemos censura até há cinquenta anos, neste arco temporal surgiram outras tentações, quanto mais não fosse a omissão. A **descolonização** é um bom exemplo de como, não dando a conhecer o outro lado, o do colonizado, continuamos a perverter o nosso caminho e o dos povos que, entretanto, se tornaram independentes.

Da Idade Média aos Nossos Dias (anos 50 do século XX) perpassamos alguns assuntos muito distintos: **rainhas impopulares, epidemias e pestes**, merecendo destaque a Peste Negra (1348), que devastou a Europa, tornando-se uma das causas próximas da Expansão Marítima Portuguesa e Castelhana, e a Pequena Idade do Gelo que – do século XIV a meados do século XIX –, não deixou vingar a agricultura e o comércio a média e longa distância. A COVID-19 não foi uma novidade; numa das publicações a que tivemos acesso cerca de doze páginas são dedicadas a uma cronologia de pestes na China – desde o ano 43 a.C. até 1911!

A lenda e a história estão representadas no “amor” de D. Pedro (I, depois) e de **Inês**, que a estudante questiona a razão do assassinato dos verdugos de Inês, sob a ordem de D. Afonso IV, por razões de Estado, em vez de se deixar seguir a inclinação amorosa existente. Uma oportunidade para tentarmos julgar segundo os padrões da época e não do nosso tempo. Mantemos algumas dúvidas sobre a intensidade afetiva, entre os dois pois D. Pedro – consoante alguns investigadores –, seria gago, epilético, justiceiro pelas próprias mãos, frio nos seus atos, tendo assassinado o seu escudeiro predileto (homossexualidade?).

Descobrir ou ser descoberto? A **Expansão**, ainda na Idade Média e acelerando o caminho para a **Época Moderna**, conforme a taxonomia de José Mattoso, levanta-nos esta questão. Nós tínhamos motivações, porque havia necessidades de prover o país e a Europa de produtos em falta. Indianos e Chineses, por exemplo, não fizeram o contrário, pois nada os chamava, Hoje, já não se colocam os povos que fomos conhecendo em patamar inferior; ao contrário, basta sinalizar aqueles dois povos para entendermos que o seu poderio comercial, as suas religiões e ancestralidades têm um registo muito elevado nas identidades e no tempo. A **escravatura** é uma mancha perpetrada no continente africano com a persuasão dos portugueses e a conivência dos chefes indígenas, incluindo mulheres; e com a conivência de árabes do Norte de África. A manufatura açucareira do Brasil assimilou esta mão-de-obra, entre outros trabalhos indignos do ser humano. A Igreja também tem o seu ato de contrição a fazer, pois a missão nem sempre se alcondorou nos princípios da evangelização! **Quando os portugueses perderam Portugal** é uma fase negra da nossa História, comprovando que as elites (nobreza e clero) são “corrompidas” a favor da causa do mais forte – Filipe II de Espanha! O século XVII foi um espaço de assimilação (1580-1640) e de Restauração (1640-1668), utilizando-se uma economia de guerra que não permitiu o desenvolvimento do Reino.

E a nossa **Época Contemporânea** lavra-se com “Sangue, suor e lágrimas” – abordagem que se inicia com a **“Maria da Fonte”** – foca outras centralidades que nos relembram uma vida repleta de obstáculos a transpor, como se já não bastasse, ainda sem ter passado vinte anos, a guerra fratricida entre liberais e absolutistas (1832-1834). A “História da Vida Privada em Portugal” catapultou duas estudantes para os conceitos de namoro, virgem e virgindade para os quais a sociedade, a família e a Igreja assestavam de uma forma pecaminosa ao menos sinal de desconfiança. Nestes **rituais de vida pública e privada** (séculos XIX-XX), mais uma vez a Igreja a sobraçar a responsabilidade de formação de cristãos, nomeadamente a mulher, mediante os sacramentos da comunhão e do casamento. Enquanto os segmentos sociais rurais seguiam padrões mais cerrados, nas vilas de nomeada e nas cidades as elites ufanavam-se de **trajar** de acordo com as modas de Paris; as mulheres, como sempre, faziam-no de forma empáfia em lugares públicos (a partir da segunda metade do século XIX, nos jardins, criados por questões higiénicas, estéticas e para lazer das elites).

Demos liberdade à abordagem da **2.ª Guerra Mundial**, pois Portugal não foi tão neutral como Salazar quis fazer acreditar; colaboramos com os Aliados (Base das Lajes, Açores) e com os nazis (dávamos volfrâmio para armamento e recebíamos ouro retirado aos judeus!). E Lisboa foi um porto de abrigo para os espiões dos Aliados e dos Nazis...

Os **Nossos Dias** (após a 2.ª Guerra Mundial) abarcam um tema de cultura popular, sempre atual, pela força da metáfora que contém: o ditado, ou, se quisermos, frases ditas. E como não há fumo sem fogo “Andar com o credo na boca”, “Foi para o maneta”, “Estar nas sete quintas”,

“Ficar a ver navios”, “Ir por água abaixo”, “Filho da mãe” ganharam lastro por motivações religiosas, políticas, excesso de propriedade, ganância mercantil da Expansão e a lusão à criação do Registo Civil.

Acabamos de comemorar os 50 anos da **Revolução do 25 de abril** de uma forma inaudita, quase que uma réplica do que sucedeu há meio século. Apesar das dificuldades económicas, de saúde, de habitação, entre outras, que uma franja social substancial sofre, as grandes cidades foram palco de manifestações favoráveis ao evento que nos deu liberdades mas não criou tantos cidadãos como seria desejável. É um sinal que, mau grado as incontinências de muitas governanças, os portugueses sabem o significado da liberdade!

Uma exposição – “Tipo por inconveniente” -, de José Pacheco Pereira, comprova a censura que a PIDE/DGS exercia sobre a orla intelectual: os célebres lápis vermelho e azul (que desaprovava por inteiro). E se, por vezes, algumas obras passavam o mérito era da subtileza da escrita que conseguia ludibriar o censor (a maior parte dos funcionários eram militares aposentados, cujo grau de literacia deixava muito a desejar). Uma obra sobre um bispo de Beja e “O Evangelho segundo Jesus Cristo”, de Saramago, foram os casos mais mediáticos de censura já no período da democracia. A censura foi um contributo irreversível para o atraso dos portugueses que, em 1981, apresentava uma taxa de analfabetismo a rondar os 23%; daí a necessidade da criação de um Plano Nacional de Alfabetização e Educação de Adultos.

Povo, Nação, País, Pátria, Estado, conceitos que aparentemente se sobrepõem e que, atualmente, criam dificuldades internas a muitos países, desenvolvendo franjas ideológicas extremistas, inimigas do desenvolvimento harmonioso dos povos. Os discursos dos “senhores” do Mundo desembocam na fatalidade bélica. Tudo em nome do Povo, da Nação, do País, da Pátria e do Estado. Ao terrorismo verbal e real, os governos tendem a responder com ações, mas o ideal será não valorizar estas ações por intermédio dos media; ao contrário, o trabalho subterrâneo deverá conduzir à debelação de quem não segue os valores humanos para que fomos destinados, à nascença.

Abusamos, na Educação, de terminologias como “metodologias novas”, “metodologias ativas”, “educação emocional”... Eis-nos perante um trabalho onde os estudantes escolheram, desenvolveram, concretizaram, sem censura, com acompanhamento e respeito pelas opções, mesmo temas que, à primeira vista, poderiam criar dificuldades de interpretação. Porque o síndrome do Estado Novo ainda se sente em muitas situações...

A vertical decorative bar on the left side of the page, featuring a complex geometric pattern. The pattern consists of various shapes, including hexagons and triangles, in shades of purple, blue, green, and yellow, set against a dark background.

SÉCULOS XIII-XIX



RAINHAS PORTUGUESAS IMPOPULARES

CASADA COM D.SANCHO II
DONA MÉCIA LOPES
(1215-1271)



Contestada pelo seu casamento ilegítimo e por não possuir nenhum título de nobreza para lutar pelos interesses da coroa

CASADA COM D.FERNANDO
DONA LEONOR TELES
(1350-1386)



Acusada de favorecer os interesses de Castela, contribuindo para a instabilidade política da época em Portugal

CASADA COM D.DUARTE
DONA LEONOR DE ARAGÃO
(1402-1445)



Foi vista com descrédito por não ser natural do reino e o facto de ser irmã dos Infantes de Aragão tornou a sua impopularidade mais agravante

CASADA COM D. JOÃO VI
DONA CARLOTA JOAQUINA
(1775-1830)



Criticada pela sua postura conservadora que resistia às ideias liberais, opondo-se às mudanças sociais da época

ALUNA: MARIA EDUARDA PINTO

DOCENTE: JOSÉ CARLOS MENESES

| LEB 1º ANO | 2023/2024

Carvalho.S.L (2014). *Foi mesmo assim que aconteceu? Mitos, enganos e mistérios da História de Portugal*. Clube do Autor, pp.54-57

RAINHAS PORTUGUESAS IMPOPULARES

D. Mécia Lopes, neta de Afonso IX de Leão, viúva, casou com D. Afonso II, em 1240. Aquele facto e não sendo portuguesa era dimensões contributivas para a desconfiança da população; outro fator desvantajoso foi por não ter dado filhos a Afonso II, pois a monarquia centrava-se na continuidade da descendência.

À impopularidade daquela – mas pouco conhecida na nossa História -, enumeramos outra, D. Leonor Teles, castelhana, determinante no decurso de um momento fundamental para a sucessão do marido, D. Fernando. Foi a crise de 1383-1385, cujo reino português poderia ter passado para Castela, com o contributo de D. Leonor Teles. A sua impopularidade começou antes do casamento com D. Fernando, pois a população não se revia nas suas atitudes, nomeadamente o adultério com um nobre galego, o conde Andeiro. O casamento colocou o Reino sob a influência de um setor da nobreza afeto a D. Leonor Teles, por isso, favorável aos interesses de Castela.

A ausência de simpatia da população com D. Leonor de Aragão – casada com D. Duarte -, tem, basicamente, a ver com a natural rejeição de quem é estrangeiro. No entanto, D. Leonor mostrou-se favorável à expansão portuguesa do Norte de África, favorecendo a expedição a Tânger, redimindo-se da primitiva impopularidade. Tentou apoderar-se do governo após a morte do marido, facto que não terá agradado a uma parte da área do poder, vendo-se obrigado a sair para Aragão.

D. Carlota Joaquina, mulher de D. João VI, fugidos para o Brasil, em 1807, quando da 1.^a invasão francesa, foi, neste quarteto, a rainha mais registada na nossa História, dando azo à questão: *Carlota Joaquina, ninfomaníaca, traidora, fanática ou mulher emancipada maltratada pela História?* Ela terá escolhido sempre o lado “errado” da História. Junot, o comandante da 1.^a invasão francesa, terá sido seu amante! D. João VI, o marido, estava informado, mas aguentou o casamento 36 anos, apesar de a vida em comum ter sido curta.



IDADE MÉDIA (1096-1480)

EPIDEMIAS E PANDEMIAS

"Da fome, da peste e da guerra livrai-nos, Senhor."

Epidemia: doença contagiosa que se abate sobre uma determinada região.
Pandemia: enfermidade que atinge vastas regiões ou mesmo no mundo inteiro.



O ser humano foi ganhando imunidade para algumas doenças; a criação de vacinas evitou outras doenças.



Há doenças que acompanharam o homem quase desde a sua origem

CRONOLOGIA HISTÓRICA DE PESTES

PESTE ANTONINA	PESTE NEGRA	GRIFE ESPANHOLA	GRIFE ASIÁTICA
165 d.C. – 190 d.C.	1348	1918 – 1920	1957 – 1958

 Mariana Couto da Silva | Docente: José Carlos Meneses | 2324 | 1.º S | L. E. B. | História de Portugal | Tavares, A. (2021). Outra História. Outras Estórias (Crónicas do tempo que foge). Bertrand Editora, pp. 147-150.

EPIDEMIAS E PANDEMIAS

Desde os primórdios da civilização, a humanidade tem enfrentado constantes desafios relacionados com as doenças infecciosas, que se manifestam como epidemias e, em casos mais graves, como pandemias. Esses eventos moldaram não apenas a saúde global, mas também a sociedade, a economia e a política ao longo dos séculos.

A população mundial era frequentemente abalada por fomes, guerras e doenças que dizimavam milhões de pessoas e a recuperação demorava décadas, senão mesmo séculos. Os cristãos rezavam uma pequena oração que ainda hoje temos no ouvido: «Da fome, da peste e da guerra livrai-nos Senhor.»

No mundo antigo, diversas civilizações foram assoladas por epidemias que deixaram uma marca indelével nas suas histórias. Esses eventos não apenas ceifaram vidas, mas também influenciaram mudanças sociais e políticas nas suas respectivas épocas. A Idade Média foi testemunha de uma das pandemias mais devastadoras da História: a Peste Negra. Originada na Ásia, esta pandemia dizimou uma grande parte da população europeia, resultando de mudanças significativas na estrutura socioeconómica. O medo da morte iminente moldou a arte, a religião e a filosofia da época.

A pandemia de *influenza* de 1918, conhecida como Gripe Espanhola, afetou milhões de pessoas no mundo todo. A propagação rápida e mortalidade elevada destacaram a necessidade de cooperação global na gestão de crises de saúde. Além disso, influenciou as estratégias futuras para o controle de pandemias. O estudo das epidemias e pandemias ao longo da História revela padrões recorrentes de desafios e respostas. A humanidade tem enfrentado essas crises com resiliência, adaptando-se e evoluindo ao longo do tempo.

O passado ajuda-nos a moldar um futuro para enfrentar as emergências de saúde global, promovendo a cooperação internacional, os avanços científicos e as políticas de saúde pública eficazes.



Superstição

A peste negra e a vingança dos gatos (1348)

PESTE NEGRA: A MAIS DEVASTADORA DE TODAS AS DOENÇAS INFECCIOSAS

O abate de milhares de gatos fez aumentar a população de ratos da Europa

Os gatos foram a primeira linha de defesa contra os transmissores da peste

A população europeia precisou de centenas de anos para recuperar do impacto arrasador da doença

Ana Isabel Sousa | Docente: José Carlos Meneses | 2324 | 1.º S
| L.E.B. | História de Portugal I

Bibliografia:
Fawcett, B. (2012). Os 100 grandes erros da História, 6ª Ed.
Clube do Autor, pp. 130-133.

A PESTE NEGRA E A VINGANÇA DOS GATOS

A peste negra foi uma das piores pandemias da história humana. A doença foi acompanhada pelo boato de que seriam os gatos a fonte da peste. Naquele tempo, era necessário apenas um boato para que comesçassem a matar os gatos. O abate de dezenas de milhões de gatos, nessa altura, fez aumentar a população de ratos na Europa. E provavelmente eram esses ratos que transportavam a doença. Estima-se que metade da população europeia terá sucumbido a essa morte horrível entre 1348 e 1352.

Os gatos não foram sempre considerados criaturas diabólicas, os ratos eram atraídos pela comida, e os gatos como predadores por protegerem os alimentos dos ratos, passaram a ser considerados seres divinos e acabaram por se mudar para casas egípcias; a morte do gato passou a ser um crime no Egito. A peste negra apareceu primeiro na Mongólia, alastrou à China e foi trazida para a Europa pelos navios mercantes. Nesse tempo, se uma pessoa fosse condenada por bruxaria, era condenada à morte (queimada na fogueira), e o gato era queimado juntamente com a sua dona.

Os gatos foram a primeira linha de defesa contra os verdadeiros transmissores da peste. A população europeia precisou de várias centenas de anos para recuperar do impacto arrasador da doença. Há algumas superstições relativas aos gatos, em parte surgidas no meio de pânico há quase setecentos anos, que ainda hoje se mantêm, por exemplo: se uma pessoa se cruzar com um gato preto terá azar.

Na Europa Ocidental, os proprietários rurais tiveram de competir uns com os outros para arranjam mão-de-obra para os campos, fornecendo salários mais elevados. Quando estes exigiram salários mais altos e os proprietários recusaram, eclodiram revoltas em Inglaterra, Itália, Bélgica e França. A doença também causou um efeito profundo na Igreja Católica; as perturbações sociais que daí resultaram deram origem a uma era de contemplação e de concentração nas artes plásticas, na música e na literatura; foi o começo do Renascimento.

POR QUE RAZÃO FOI EXECUTADA INÊS DE CASTRO?

- É VERDADE O BEIJA-MÃO AO SEU CADÁVER? -



UMA HISTÓRIA DE UM LOUÇO E CONTRARIADO AMOR ROMÂNTICO É UM DOS MITOS MAIS DOURADOS DA ALMA LUSA



D.PEDRO APAIXONADO, LOUCAMENTE, POR UMA DAMA GALEGA!

No séquito de D.Constança Manuel, infanta de Leão e Castela, consorte de D.Pedro.

O REI ORDENOU A EXECUÇÃO DE INÊS!

Levada a cabo por Pêro Coelho, Álvaro Gonçalves e Diogo Lopes, em 7 de janeiro de 1355.

INÊS DE CASTRO FOI EXECUTADA POR RAZÕES DO ESTADO!

O que torna mais simpática a relação entre os dois amantes, pois, a fria razão política matou as ardentes paixões da alma.

BEIJA-MÃO REAL NUNCA EXISTIU!

Foi um epílogo lendário e macabro para que fosse uma história romântica e trágica!



Aluna: Eduarda Pereira | Docente: José Carlos Meneses | LEB 1.º Ano | 2023\2024

Carvalho.S.L. (2014). *Foi mesmo assim que aconteceu? Mitos, enganos e mistérios da História de Portugal*. Clube do Autor, pp.65-68.

POR QUE RAZÃO FOI ASSASSINADA INÊS DE CASTRO. É VERDADE O BEIJA-MÃO AO SEU CADÁVER?

Por que razão foi executada Inês de Castro (e é verdade o beija-mão ao seu cadáver?). É um dos mitos mais duradouros da alma portuguesa, assim como o mito do sebastianismo, após o desaparecimento do rei D. Sebastião em Alcácer Quibir (1580). Trata-se de uma história passada em 1340, em que D. Pedro se apaixonou, loucamente, por uma dama galega, Inês, que veio para Portugal no séquito de dona Constança Manuel, sua noiva e futura rainha.

Oito anos mais tarde, a rainha morre e a relação entre Pedro e Inês torna-se mais frequente e, conseqüentemente, o rei Afonso IV, pai de D. Pedro, obriga o seu filho a casar-se com Inês. Sete anos depois da morte de Constança, o rei ordenou a execução de Inês, levada a cabo por Pêro Coelho, Álvaro Gonçalves e Diogo Lopes Pacheco, em 7 de janeiro de 1355, o que deixou D. Pedro irado contra o seu pai.

A partir daquele dia, é compreensível que tenha “pegado as armas contra ele”. Depois da morte do seu pai, Afonso IV, Pedro I, já rei, executou Pêro Coelho e Álvaro Gonçalves. Segundo algumas crônicas, Pedro mandou ainda exumar a sua amada e tê-la-a sentado no trono e obrigado os seus fidalgos ao beija-mão das suas ossadas.

Nesta história de um louco e contrariado amor romântico, há uma pergunta que ressalta: por que razão foi Inês executada por ordem de Afonso IV? Porque não se deixou o coração seguir o seu natural destino e a sua inevitável inclinação? A resposta é, por razões do Estado, e claro que esta resposta torna ainda mais simpática a relação entre os dois amantes, pois podemos dizer que a política matou as ardentes paixões da alma portuguesa.

Mas se formos racionais, a verdade é que Afonso IV - depois de tantos avisos em vão e imensos inúteis conselhos -, nunca fizeram com que o seu filho se afastasse da galega. Relativamente à história do beija-mão real nunca terá existido, pois foi um epílogo lendário e macabro para uma história romântica e trágica.



IDADE MODERNA

(1480-1807)



DESCOBRIR E SER DESCOBERTO

**O descobrimento é o primeiro passo na
evolução de um homem ou de uma nação**



Ó MAR SALGADO, QUANTO DO TEU SAL SÃO LÁGRIMAS DE PORTUGAL

NUNCA UM VERDADEIRO PORTUGUÊS FOI PORTUGUÊS: FOI SEMPRE TUDO

**UMA VERDADEIRA VIAGEM DE DESCOBRIMENTOS NÃO É ENCONTRAR
NOVAS TERRAS, MAS TER UM OLHAR NOVO**

RITA SOUSA | DOCENTE: JOSÉ CARLOS MENESES | 23/24 | 1.º S | L. E. B. | HISTÓRIA DE PORTUGAL

BIBLIOGRAFIA: TAVARES, A (2021). OUTRA HISTÓRIA. OUTRAS ESTÓRIAS (DESCOBRIR E SER
DESCOBERTO). BERTRAND EDITORA, P. 147-150.1

DESCOBRIR E SER DESCOBERTO

Portugal e Espanha viveram as últimas décadas do século XIX em comemorações históricas, recordando a descoberta de novos mundos. Mas até à atualidade tem faltado o espírito crítico dos dois países para que o outro lado também tenha voz, ou seja, os colonizados registem as suas versões. Ultimamente, em Portugal, tem havido algumas vozes no sentido de “repormos” algo às antigas colónias, concretamente o Presidente da República. Ora, é uma insensatez esta posição, pois a História é o que foi!

Nos últimos anos do século XV, assistimos a verdadeiros prodígios: rota do Cabo, Bartolomeu Dias, 1488; rota das Índias Ocidentais, Cristóvão Colombo, 1492; rota das Índias Orientais, Vasco da Gama, 1498; chegada ao Brasil, 1500, Pedro Álvares Cabral. “Descobrimento” será a palavra mais expressiva? A América é o continente mais europeizado num processo colonizador com méritos e deméritos. “Descobrimento” e “descobrir” soam a superioridade quando as civilizações encontradas eram apenas diferentes. Seríamos superiores à milenar civilização chinesa? E a elevada e espiritualizada religião budista? E a espantosa civilização maia? Afinal: quem são os descobridores e os descobertos? E porque não foram os indianos ou os chineses a descobrirem Portugal ou parte da Europa? Simplesmente porque não tinham motivações económicas, sociais e religiosas semelhantes às dos portugueses!

Estivemos na abertura da Europa ao mundo. Ainda nos fazem acreditar (a História oficial) que fomos santos, heróis, marinheiros (afinal a Escola de Sagres não existiu!), dignos de uma pátria multirracial e pluricontinental. Mas tivemos de tudo um pouco: a maior derrota militar de Portugal na História – Alcácer-Quibir (1578); Vasco da Gama – pioneiro de um multiculturalismo ou um genocida (1498...)? Fernão de Magalhães – o português que deu a volta ao mundo pago pelos espanhóis (1519-1521, assassinado por indígenas, com viagem terminada por Sebastian del Cano, em 1522); escravatura de África para o Brasil (XVI-XIX); Padre António Vieira – o imperador da língua portuguesa no Brasil – século XVIII. E descolonizámos muito tarde!



ESCRAVOS E ESCRAVIDÃO

Entre os séculos XVI e XIX cerca de 12 milhões de africanos foram transportados e escravizados para o território americano

Portugal, desde D. João II, é um dos grandes responsáveis da escravidão no mundo, com a colaboração de chefes africanos (Congo, Guiné, Angola e Sudão)

Destinavam-se às plantações de açúcar, às minas e ao café; as mulheres dedicavam-se aos trabalhos domésticos e à prostituição

O Brasil era o grande território americano dependente de mão de obra africana; a escravatura foi abolida no Brasil em 1888

Nome: Margarida Beatriz Ferreira | Docente: José Carlos Meneses | 2324 | 1.º S | L. E. B. | História de Portugal I
Bibliografia:
Tavares, A. 2021. "Tempos impiedosos" in Outra História, outras histórias. Bertrand Editora, pp. 141-146.

Margarida Beatriz Ferreira

ESCRAVOS E ESCRAVIDÃO

O tráfico de escravos existe desde os primórdios da Humanidade. Entre 1511 e 1888, mais de 12 milhões de africanos foram escravizados por portugueses, ingleses, franceses, espanhóis e holandeses, sobretudo para o Brasil, mas também para as Antilhas e América do Norte. Mas há um episódio anterior relevante: o tráfico de “mercadoria humana” na África e no mundo árabo-muçulmano do século XV.

Alguns dos escravos pertenciam às elites locais, que pode explicar as influências da música e da religião no Brasil. Assim, temos de incluir os intermediários africanos no tráfico negreiro. Com a disseminação de pestes na viagem, os escravos eram lançados para o mar; desembarcados, eram alimentados e limpos para se apresentarem em leilão com bom aspeto.

Os escravos destinavam-se às plantações de açúcar, minas e aos trabalhos domésticos, eram utilizados como moços de fretes e transportavam o lixo. Já as mulheres faziam e vendiam as comidas nas ruas, mas a independência do Brasil, em 1822, não terminou com esta tragédia. Somente em 1888! Em Portugal, foi abolida antes, em 1869.

A escravização do índio no Brasil não obteve os resultados esperados pelos colonos; fugiam das plantações com frequência e, depois, regressavam às plantações em massa, chacinando e incendiando, casas, colheitas e engenhos.

Um dos castigos infligidos por tentativas de fuga, desobediência, agressões, roubos e “outros” crimes consistia em duzentas chibatadas no “criminoso” amarrado a um tronco. De volta à prisão, a lavagem das feridas era feita com vinagre e pimenta!

A transferência da Corte portuguesa para o Brasil, em 1808, poderia ter diminuído o tráfico, mas as primeiras décadas do século XIX correspondem ao apogeu do tráfico negreiro. Entre 1800 e 1888 (data da abolição), o Brasil importou 1 350 000 escravos.

História

Quando os portugueses perderam Portugal

Perda da independência para Filipe II de Espanha, I de Portugal



O rei espanhol planeou invadir a Inglaterra com a chamada Armada Invencível, mas a sua derrota trouxe graves perdas aos recursos marítimos espanhóis e portugueses.



Tentativa do desembarque no Algarve, em Lagos e o Cabo de S.Vicente



No dia 5 de outubro deu-se a implantação da República Portuguesa



Inês Cunha | Docente: José Carlos Meneses | 2324 | 1.ºS | LEB | História de Portugal I
Martins, Luís Almeida (2015) História não oficial de Portugal. A esfera dos livros pp.242-250



Inês Cunha

QUANDO OS PORTUGUESES PERDERAM PORTUGAL

Após o desaparecimento de D. Sebastião, em 1580, na batalha de Alcácer-Quibir, Filipe II de Espanha sente-se com direito ao trono português. Uma das resistências, D. António, Prior do Crato, reúne cerca de 10 000 homens em Santarém para resistir a uma anunciada invasão espanhola. A maioria eram escravos libertados dos senhores que, por vindicta, saquearam casas e violaram mulheres. Sem credibilidade, D. António não reúne condições para resistir ao exército espanhol, em Alcântara, Lisboa. D. António consegue o auxílio dos ingleses, mas com benesses nos Açores e no Brasil. Ainda hoje, no Museu de Londres, faz-se fila para ver um dos diamantes levados do Brasil!

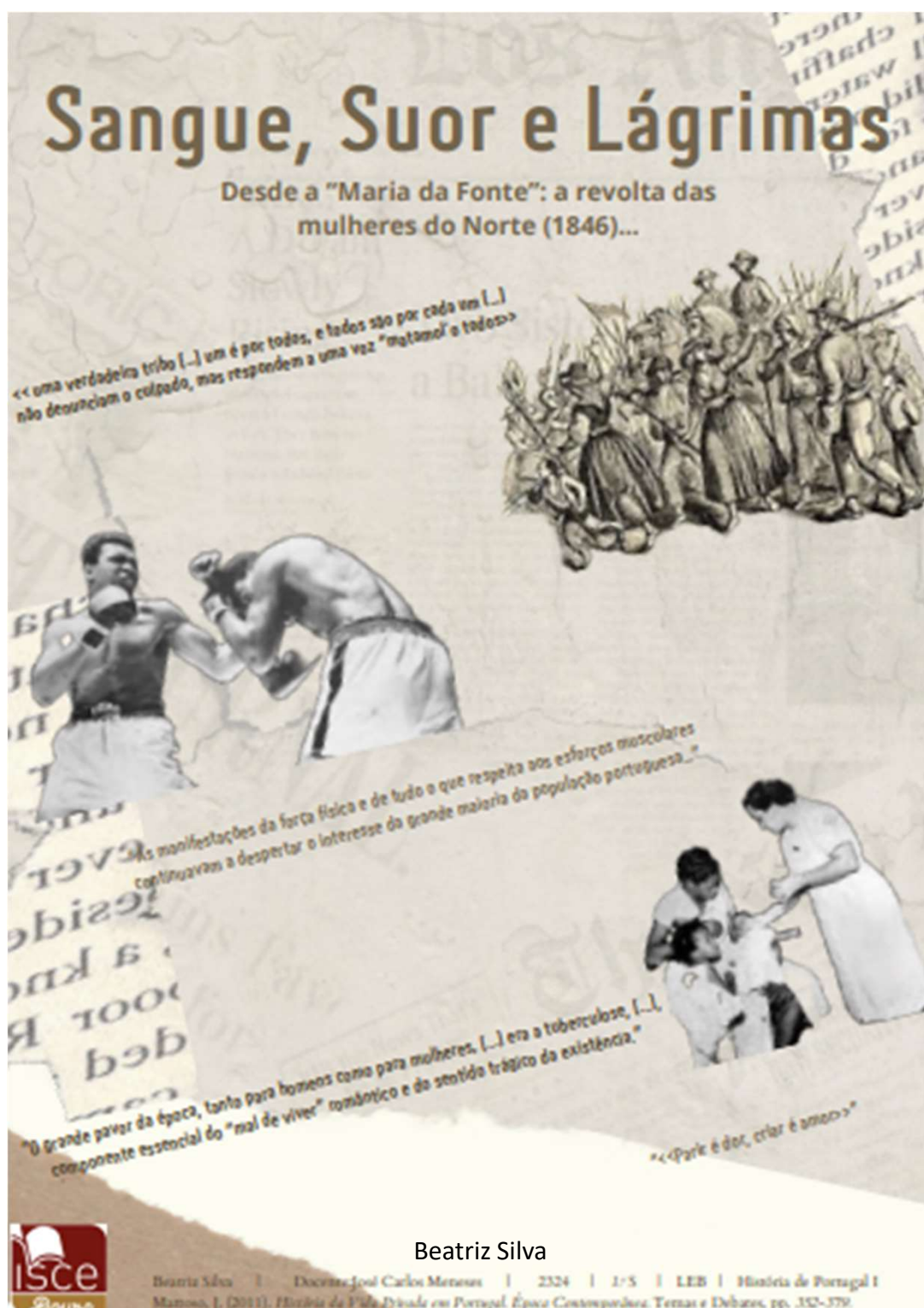
Dessa época, vem a expressão “amigos de Peniche”. Os ingleses comandados pelo corsário Francis Drake (sim, era normal uma relação amigável com o poder estabelecido) desembarcaram em Peniche e, depois, vogaram para Lisboa. Como a peste assolou os barcos ingleses, zarparam! A população lisboeta não perdeu tempo por tal traição cometida pelos “amigos de Peniche!”

Com Filipe I (II de Espanha), Portugal manteve a autonomia da língua, sendo portugueses os governantes da Metrópole e das colónias; tudo mudou com os restantes Filipes, alcançando os holandeses - a “laranja mecânica” da época -, o comércio português com a Fundação da Companhia das Índias Orientais. Continuamos a ser portugueses, mas pouco, até que 1640 nos restituiu a independência.

Nasceu o mito do sebastianismo, crença de que o treloucado rei regressaria na proa de um navio-fantasma, numa manhã de nevoeiro, cimentada nas camadas populares, pois a nobreza facilmente se acomodou aos favores filipinos, mudando de opinião em meados do séc. XVII. Sidónio Pais, Presidente da I República, assassinado em 1918, gerou grande comoção popular, culminando no poema-elogio de Fernando Pessoa, com o epíteto de *Presidente-Rei*. Sendo desejado, apesar de ditador, faz par com Salazar (governante entre 1932 e 1968), no mito do sebastianismo.



IDADE CONTEMPORÂNEA (1820-1950)



Beatriz Silva

Docente João Carlos Mendes | 2324 | 1/5 | LEB | História de Portugal I
Matoso, J. (2011). História da Vida Privada em Portugal. Época Contemporânea. Temas e Debates, pp. 352-379.

SANGUE, SUOR E LÁGRIMAS. DESDE A MARIA DA FONTE

Nada fazia prever que o protesto de um grupo de mulheres fosse o primeiro ato do fim do cabralismo em Portugal.

Na primavera de 1846, as foices e as gadanhas minhotas estenderam o rastilho do ódio ao reino. A *Maria da Fonte* eclodiu em terra minhota – Póvoa de Lanhoso -, como resultado da acumulação do descontentamento das populações, as quais, para além dos efeitos do aumento dos impostos, sentiam que o Estado liberal estava a imiscuir-se demasiado no modo de vida das suas comunidades, tanto nos seus costumes socio-religiosos, como na sua organização administrativa, judicial e fiscal tradicional, característica do velho Portugal absolutista.

E a mecha terá sido a pretensão do padre de Fontarcada, Póvoa de Lanhoso, em inaugurar o cemitério com um enterramento, em cumprimento da nova legislação. Antes, a igreja e o adro serviam para os funerais.

Rapidamente, a revolta da Maria da Fonte passou a rebelião contra a ditadura política e a exploração económica de Costa Cabral, um dos chefes do movimento constitucionalista que, desde 1842, liderava o país.

No século XIX, a tuberculose era conhecida mais como a “febre das almas sensíveis”, pois a “tísica romântica” foi uma doença relacionada com artistas, poetas e grandes personalidades históricas dessa época. No nosso país atingiu personalidades como Júlio Diniz e Cesário Verde.

Desde o século XIX, o tratamento higieno-dietético prevaleceu como terapia para a tuberculose. Acreditava-se que a cura do doente acontecia quando este se dispunha de boa alimentação e repouso. O tratamento envolvia o isolamento dos pacientes, viabilizando-se por meio dos sanatórios e preventórios.

Notícias sobre combates de boxe ou sobre a “ascensão e queda” dos *boxeurs* tornam-se, nas décadas de 1920 e 1930, recorrentes na imprensa. Um “az” portuense, Carmelino, a formidável esperança do boxe português».

O ciclismo foi também uma das modalidades desportivas que mais contribuiu para a democratização do desporto.



O TRAJO BURGUEZ NO SÉCULO XIX

O novo *gentleman* do liberalismo
quer-se galante e com
à-vontade em todas as circunstâncias

A moda difunde-se e democratiza-se

**Almeida
Garrett, um dos
mais elegantes,
do seu tempo
ilustra
bem o modelo a
seguir pelo
“homem do
mundo”**

No início da época romântica (anos 1820), a
consciência da moda é já um fenómeno
instituído entre as classes altas urbanas

 Instituto
Superior de
Ciências
Económicas
e Sociais

LIQUENTURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA
HISTÓRIA DE PORTUGAL I
Quarta-Feira, 20 de Setembro
TIAGO SEIXAS DA SILVA

Tiago Seixas

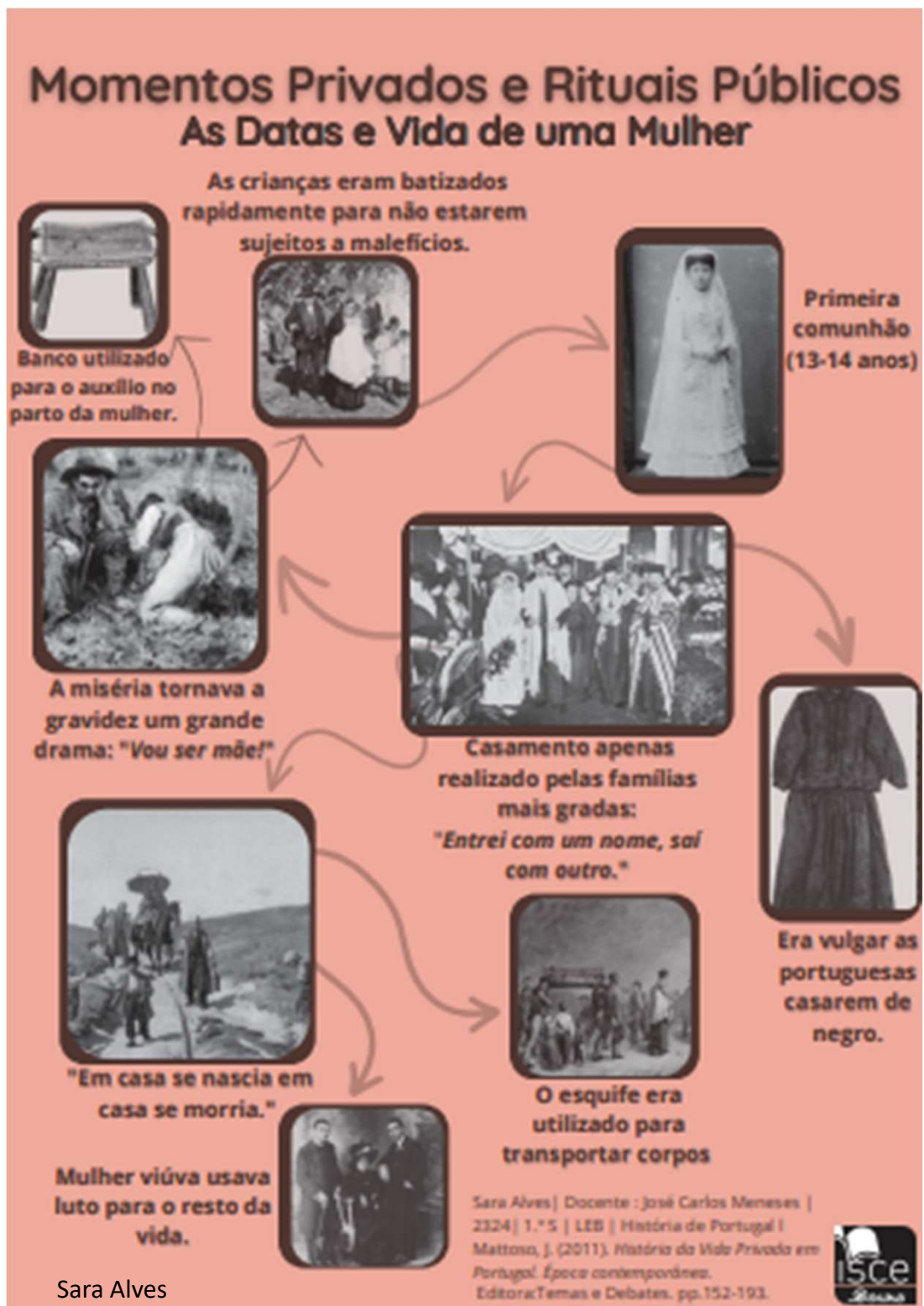
Santana, M. (2011). "Seguidor e Condição: Ética e Aparência" in A Época Contemporânea: História da Vida Privada em Portugal, direção de José Mattoso. Círculo de Investigos Temáticas e Debates, vol. 3, pp. 429-432.

O TRAJO BURGUEÊS NO SÉCULO XIX

O traje burguês no século XIX denotava uma elegância e sumptuosidade, condizente com os eventos e os espaços. Os avanços tecnológicos decorrentes da industrialização fizeram com que os grandes armazéns ditassem as tendências da época, que eram difundidas pelas revistas ilustradas e jornais de moda, com as novidades de Paris. Na segunda metade do século XIX, o traje também teve influências de estilos precedentes à época, do ecletismo das artes, e era uma forma de hierarquização, de pertença a determinada elite ou estatuto social.

A moda adquiriu uma dimensão social, os passeios pelo parque, ou pela avenida, eram diretrizes concernidas aos usos e costumes, na maneira de vestir, mais moderna e democrática. O vestuário feminino era composto por corpete (sob o qual era colocado o espartilho) e saia comprida com drapeados horizontais, na frente, e longas caudas (com aplicação de armação - a *tournure*), que configuravam uma silhueta volumosa. As capotas e os chapéus, as botinas e os sapatos altos eram pormenores de grande importância. No vestuário masculino figurava uma imagem cosmopolita e moderna, com a sobrecasaca, ou o casaco de corte arredondado e os casacos assertoados, estilo “marinheiro”, com tons escuros e sóbrios, as cartolas e chapéus de coco. Almeida Garrett era exemplo de elegância e modernidade.

Os homens tinham uma enorme preocupação com a aparência, alguns demonstravam “traços” de janotismo e dandismo; a moda democratizou-se. No final do século XIX, a silhueta feminina tornou-se mais estilizada, o aparecimento do espartilho em “S” realçava o busto; as luvas, os leques, as joias, as capelines com abas largas, enfeitadas com plumas, flores ou fitas, eram detalhes que compunham o figurino. No traje masculino burguês mantinha-se a formalidade, com a sobrecasaca, a cartola, as calças curtas e estreitas. Além de representar uma classe social e estatuto, de modo paulatino, o traje foi-se adaptando às circunstâncias, com as atividades ao ar livre e o desporto, que exigiam uma vertente mais confortável.



Sara Alves

MOMENTOS PRIVADOS E RITUAIS PÚBLICOS. AS DATAS E VIDA DE UMA MULHER

Os ritos de passagem associados aos grandes momentos da existência de uma mulher - o nascimento, o casamento e a morte -, são a celebração pública do mais íntimo e privado da vida de cada uma. Tudo se inicia com uma gravidez que acabava por ser um grande drama devido às condições de miséria e a vergonha em que viviam naquela época; as crianças que sobreviveram ao parto eram rapidamente batizadas para expulsar toda a espécie de malefícios que esta criança poderia atrair para si e para a sua família.

Por volta dos 13, 14 anos realizava-se a primeira comunhão, o que naquela altura era considerado bastante importante, tanto nas cidades como nos campos era estimado como um ritual de passagem da infância para a adolescência e de entrada na vida cristã.

Mais tarde iriam casar, pois era a única forma de um homem e uma mulher coabitarem e os filhos serem legalmente legítimos, mas a escolha dos parceiros tinha de ser consentida pelos pais. A maior parte dos casamentos eram religiosos, mas nem todos eram católicos. A noiva urbana (não a do campo, pois esta normalmente casava de preto) entra na igreja vestida de branco e conduzida pelo pai e sai pelo braço do marido; entra com um nome, sai com outro; entra sem anel, sai com ele; entra velada, sai descoberta, e eram assim os casamentos.

Depois do casamento nascia o primeiro filho (repetindo a história acima descrita). Como em casa se nascia, também em casa se morria e se velava o cadáver; a agonia era acompanhada pela família. Para grande parte da população, o funeral implicava despesas incontroláveis; então, as paróquias e misericórdias tinham um esquife onde se transportava os corpos embrulhados em lençóis. As regras do luto para as mulheres eram bastante severas, a noiva a quem morrera o pai dois meses vestia totalmente preto; se enviuvasse era muito provável vestir negro para toda a vida. O luto perpétuo não pode ser interpretado como terapia da dor, é apenas a marca de uma natureza e estatuto diferentes.



Namoro e virgindade

"a virgindade encarava-se como um predicado essencialmente feminino, pelo que apenas as raparigas se submetiam a efetiva vigilância sexual."

Gravidez e contraceção

"De acordo com a tradição católica, a maternidade purificava a mulher e devolvia-lhe uma certa aura de castidade..."

Segredos da felicidade conjugal

"Já deves saber o que te espera. Em todo o caso, previno-te de que a noite do casamento é a pior noite de uma mulher. Oxalá ele tenha a delicadeza de fechar a luz; o teu pai assim fez."

Homossexualidades

"Reprimida em unísono pela sociedade, pela Igreja e pela Ciência, a relação erótica entre pessoas do mesmo sexo manteve-se um interdito social durante todo o período que nos ocupa."

Casamento e adultério

"Desejar a paixão significa sonhar com um mundo oposto à realidade prosaica do que deve ser o casamento burguês: a fidelidade, a moderação dos instintos..."

ISCE

Inês Lento | Docente: José Carlos Meneses | 2324 | 1ºS L.E.B. | História De Portugal |
Mattoso, J. (Direção de) (2011). *História da Vida Privada em Portugal*. Época Contemporânea. Círculo de
Leitores e Temas e Debates, pp.254-289

NA INTIMIDADE. NAMORO E VIRGINDADE

A história dos comportamentos sexuais até meados do século XX era um território com pouca expressão em Portugal. Garrett, conhecido como o historiador do amor moderno notava que “combine factos soltos, noções vagas e arriscadas conjeturas para dar fundamento a suas narrações”. Contudo, a ficção e o jornalismo dão-nos alguma informação credível. Estas fontes ajudam a documentar e até mesmo imaginar a vivência portuguesa da sexualidade.

Esta falta de documentação e pudor em falar na sexualidade devia-se, maioritariamente, a questões religiosas e sociais. No namoro havia a questão da virgindade; as mulheres tinham obrigatoriamente que ser virgens; até ao dia do casamento eram submetidas a uma efetiva vigilância sexual. Depois do casamento chega a maternidade que, segundo a tradição católica, purificava as mesmas mulheres e devolvia-lhes uma aura de castidade.

Contudo, existiam muitos segredos sobre a felicidade conjugal, a mulher era apenas dona de casa e feita para cuidar dos filhos enquanto os homens iam trabalhar, a mulher era “desenhada” à imagem do homem e de uma sociedade. Também se escondia que a noite do casamento era uma aflição para as mesmas, pois não estavam preparadas para o que pudesse acontecer, algumas alertavam que essa noite era a pior noite de uma mulher. Ainda dentro do casamento, desejar paixão significava sonhar com um mundo oposto à realidade imposta pela religião ou pela sociedade, pois o casamento burguês deve moderar os instintos e ser fiel; no entanto, o adultério, nos homens, era comum.

As homossexualidades eram um tema tabu. Eram reprimidas em uníssono pela Igreja, pela sociedade e mesmo pela ciência; o relacionamento erótico entre pessoas do mesmo sexo manteve-se obscuro durante todo o período, o que não queria dizer que não houvesse relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. É importante poder consultar a documentação existente para que possamos compreender melhor o passado.



A Segunda Guerra Mundial

1939-1945

O conflito que envolveu todas as **grandes potências**

A violência caracterizou a
guerra e o **holocausto**

“Não tenho nada a oferecer senão **sangue**,
trabalho, **lágrimas** e **suor**” (Churchill)

Salazar adotou uma **política de**
neutralidade

Lisboa, um porto
de abrigo

Catarina Moura | Docente: José Carlos Meneses | 2324 | 1.º S | L. E. B. | História de Portugal I

Ramos, R. (2012). *História de Portugal*. A Esfera dos Livros, pp. 661-665.

As palavras de Churchill ajudaram na vitória dos aliados na Segunda Guerra? (11 fevereiro 2018).

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42997188>

A 2.ª GUERRA MUNDIAL. NEUTRALIDADE DE PORTUGAL?

A 2.ª Guerra Mundial foi o conflito mais sangrento da nossa História. De 1939 a 1945, milhões de pessoas perderam as vidas no campo de batalha pelo expansionismo e militarismo do nazi-fascismo. Eixo e Aliados disputaram durante seis anos a vitória na guerra. O mundo foi profundamente afetado pelos horrores do Holocausto, uma das manifestações mais atrozes de violência durante a 2.ª Guerra Mundial. A violência do Holocausto não foi apenas física, mas também psicológica e moral. O termo Holocausto refere-se ao genocídio sistémico perpetuado pelos nazistas liderado por Adolf Hitler, que resultou na morte de milhões de judeus, bem como de outros grupos étnicos, religiosos, políticos e sociais considerados indesejáveis pelo regime nazista. Winston Churchill, líder político, foi uma figura que personificou a resistência e a determinação durante um dos períodos mais desafiadores da História.

No decorrer da 2.ª Guerra Mundial, Portugal conseguiu manter uma posição de neutralidade, evitando ser diretamente envolvido no conflito. Sob o governo de António de Oliveira Salazar, Portugal adotou uma política de neutralidade pragmática, equilibrando as pressões das potências do Eixo e dos Aliados. Salazar procurava preservar a autonomia e a estabilidade interna, garantindo a segurança do país em meio à turbulência internacional. Apesar de Portugal estar oficialmente neutro, manteve relações comerciais com ambos os lados do conflito. As potências do Eixo, especialmente a Alemanha, eram importantes para o comércio, visto que forneciam matérias-primas para a economia portuguesa; e Portugal fornecia volfrâmio para armamento!

Portugal manteve laços diplomáticos com os Aliados, permitindo o uso de Bases Das Lajes, Açores. Lisboa tornou-se um importante porto de abrigo e centro diplomático para muitos refugiados e diplomatas de diferentes nacionalidades, como de espiões dos dois lados. A neutralidade de Portugal e a sua localização geográfica fizeram com que Lisboa se tornasse um local de trânsito e refúgio para aqueles que queriam escapar das zonas de combate na Europa.



OS NOSSOS DIAS (1950...)



FRASES DITAS E FRASES FEITAS

Neste capítulo de Palavras Ditas e Palavras Feitas, podemos averiguar algumas das expressões tão conhecidas, como, por exemplo, “Andar com o credo na boca” que se relaciona com a situação de os cristãos-novos viverem assustados e a rezar o credo, pois tinham medo de serem denunciados e acusados de praticarem judaísmo às escondidas.

“Foi para o maneta” - durante as invasões napoleónicas, entre 1807 e 1811: o chefe da polícia invasora foi o terrível general Loison, que era maneta. E quando um patriota português lhe caía nas mãos ou melhor (na mão) nunca mais aparecia, eis a expressão “Foi para o maneta.”

“Estar nas sete quintas”: os reis de Portugal do final da monarquia possuíam várias propriedades a norte de Setúbal onde costumavam caçar e divertir-se (Piedade, Outeiro, Romeira, Alfeite, Quintinha, Antelmo e Bomba). Sobretudo o Rei D. Carlos, amante da boa cama e da boa mesa, longe da corte e da rainha, “estava nas suas sete quintas.”

“Ficar a ver navios” usa-se quando alguém fica com as expectativas frustradas, tem que ver com a Primeira Invasão Francesa, em 1807: Napoleão tinha ordenado ao general Junot que aprisionasse a família real portuguesa. D. João VI e a sua numerosa comitiva tinham partido, a bordo de 55 navios, a caminho do Brasil, o general francês ainda se avistou os últimos, ao largo de Cascais, mas nada pôde fazer, ficou, portanto, “a ver navios”.

”Ir por água abaixo” o seu significado tem a ver com a ganância, com a tendência para carregar demasiadamente as naus que vinham do oriente com especiarias da Índia, sedas e porcelanas da China, tapetes da Pérsia e prata fina do Japão. Quando, numa tempestade, as naus ou os galeões se afundavam “ia tudo por água abaixo”.

E, por fim, “filho da mãe”: o registo civil só foi constituído em Portugal pela Primeira República, em 1911. Até aí, apenas existiam os registos paroquiais os batismos, de casamento e de óbito.

TODOS OS LIVROS:

... com um caráter pornográfico, linguagem obscena e capas com gravuras francamente eróticas e muito intencionais...

que envolvam inconveniência política

com pouco amor Pátrio

com descrições das lutas travadas em Portugal pela emancipação de classes operárias...

que falem sobre as conquistas das liberdades democráticas entrando no domínio do socialismo e sindicalismo...

realçam a injustiça, a exploração da miséria...

SERÃO CENSURADOS

Maria Inês Faustino



Maria Inês Faustino | Docente: José Carlos Meneses | 2324 | 1.º 5 | L. E. B. | História de Portugal I 25º e Realismo Cruz

Pereira, J. P. (2022). *Proibido por inconveniente*. Arquivo Ephemera, biblioteca e arquivo do autor. Relatório de documentos e publicações da oposição (1926-1974).

<https://ephemerajpp.com/repositorio-das-publicacoes-clandestinas-semilegais-e-legais-da-oposicao-1926-1974/>

TODOS OS LIVRO SERÃO CENSURADOS

No reviver da censura literária em Portugal constata-se inúmeras obras que ficaram perdidas na História. Obras interditas ao pensamento durante a ditadura, marcadas pelos limites à liberdade política, intelectual e social.

A censura em Portugal foi um dos elementos condicionantes da cultura nacional ao longo da sua História. No reviver do Estado Novo, o país foi sujeito a leis que limitavam a liberdade de expressão, em resultado da influência da Igreja Católica. Segundo o Estado, a censura tinha como objetivo impedir a perversão da opinião pública na sua força social que tinha como função defender o Estado. Na memória dos portugueses está ainda muito presente a política do regime do Estado Novo que institucionalizou um estrito controle dos meios de comunicação, recorrendo, para este efeito, à censura prévia dos periódicos e à apreensão sistemática de livros.

Foram muitas as formas de perseguição a intelectuais; a prisão e a morte foram frequentemente o castigo de quem ousava expressar aquilo que pensava, contrariando o discurso oficial do Estado. Um dos campos em que houve maior censura foi na literatura. A exposição *Proibido por inconveniente*, de Pacheco Pereira, documenta todas as publicações clandestinas: livros, panfletos, brochuras, folhas volantes, cartazes, postais e autocolantes que surgiram na oposição à ditadura de 1926 a 1974.

O presente cartaz consiste na recolha e representação de alguns motivos da censura literária, através dos documentos presentes nesta exposição. Estes motivos foram representados no cartaz de forma organizada e com algumas palavras destacadas enaltecendo os motivos de censura. A frase “serão censurados” na parte inferior do cartaz, encontra-se destacada de forma a despertar a atenção dos observadores e a incentivar a leitura das frases anteriores. O principal objetivo na concretização deste cartaz foi enaltecer este tema que, muitas vezes, se encontra esquecido e desvalorizado pelas gerações mais recentes. Além disso, também pretende lembrar a liberdade que usufruímos há 50 anos!

POVO, NAÇÃO, PAÍS, PÁTRIA, ESTADO

Portugal existe como Estado autónomo desde o século XII. A consciência nacional demorou séculos a formar-se. A Pátria de Salazar ia do Minho a Timor.



Portugal, com a fronteira mais antiga da Europa (1297), com unidade linguística, étnica e religiosa, viu-se a braços com a Guerra Civil de 1832-1834.

Em nome da “Mãe-Pátria” verterem-se rios de sangue, derramaram-se lágrimas amargas, praticaram-se genocídios...

A fronteira entre os “valores nacionais” e a negação do direito à diferença é muito tênue: patriotismo versus nacionalismo.

Ana Teixeira

Nome: Ana Teixeira Docente: José Carlos Meneses | 2324 | 1.º S | L. E. B. | História de Portugal I

Bibliografia:

Tavares, A (2021). Outra História. Outras Estórias (Povo, Nação, País, Pátria, Estado). Bertrand Editora, p.67-71



POVO, NAÇÃO, PAÍS, PÁTRIA, ESTADO

Palavras plenas, amplas de significado com que se enchem bocas, lançam apelos e gritam protestos. E que justificaram atos de heroísmo, chacinas tremendas, expansionismos agressivos, sacrifícios sobre-humanos e terríveis lutas fratricidas. Em nome dos povos ergueram-se forcas e guilhotinas, morreram criminosos e homens bons, revolucionários e contrarrevolucionários, heróis e traidores. Tudo a bem da nação!

Povo, Nação, País, Pátria, Estado são conceitos que aparentemente se sobrepõem. O Reino Unido é um Estado que engloba quatro nações: Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte. Existe o Estado espanhol que agrega a nação basca, a nação catalã, a nação galega...Cada qual com um território próprio, língua, tradições, história. Os curdos ou os palestinianos – existindo como verdadeiras nações -, pretendem definir-se como países.

Nos anos 60 do século XX, quando estudantes protestavam contra a guerra colonial faziam-no por falta de “consciência nacional” e “patriotismo”, no conceito do Estado Novo. Na verdade, faziam-no por discordarem da “opção patriótica” de Salazar, pois a pátria deste ia do Minho a Timor.

Portugal é a nação com a fronteira mais antiga e mais estável da Europa (1297). A Guerra Civil de 1832-1834, entre absolutistas (conservadores, liderados por D. Miguel) e liberais (progressistas, chefiados por D. Pedro, IV de Portugal e I do Brasil) comprovou que há guerras justas, na medida em que os impulsos fratricidas não impedem de se lutar pela nação!

O ultranacionalismo gera a violência e o confronto; a fronteira entre a legítima defesa dos “valores nacionais” e a negação do direito à diferença é muito ténue: patriotismo *versus* nacionalismo. A luta (pacífica) contra o chauvinismo é tão importante como a cruzada ecológica ou o combate contra a pobreza e contra o desrespeito pelos direitos humanos. São novos “moinhos de vento” contra os quais vale a pena sermos hoje Dons Quixotes, apesar das vozes acomodadas contrárias dos inúmeros Sanchos que nos rodeiam.

NOTAS FINAIS

Da Idade Média aos Nossos Dias, permitimos que os estudantes seleccionassem um tema de um conjunto de autores que escrevem livremente sobre a História de Portugal, ou seja, investigam sem as ideologias dos poderes democraticamente eleitos, mas todos com uma propensão para darem uma imagem da nossa História sem mácula.

Ora, a (im)perfeição humana está precisamente nos seus atos, uns positivos, outros de negativismo

Parte dos temas obedecem às agruras que portugueses e castelhanos impuseram uns aos outros, mais os segundos, entre 1580 e 1640 – *Quando os portugueses perderam Portugal* -, que deu origem a um mito, o sebastianismo, de que ainda sofremos algumas réstias, que uma escolaridade mais elevada (desde há 50 anos) foi banindo da população portuguesa.

Relevamos a *História da Vida Privada em Portugal* que assentiu a entrada nas vida dos portugueses, história que, entrelaçada na vida social, política e religiosa enriquece, sobremaneira, o estudo dos estudantes.

A Expansão – descobrir ou ser descoberto? - e a consequente escravatura trazem à liça uma questão atual que passa por ressarcir os colonizados. Como, quanto, quando e por quê? Os poderes régios e religiosos cometeram crimes, sim. Mas basta recordar o seguinte: i) após a colonização nunca assistimos a tal desejo por parte dos novos países; ii) a escravatura fez-se com a cumplicidade das elites africanas; iii) as relações diplomáticas entre Portugal e as antigas colónias têm sido regulares; iv) há um intercâmbio migratório com Angola, Moçambique e Brasil, principalmente; v) quantos milhares de jovens (1961-1974) foram obrigados “a servir a Pátria”, quantos não voltaram ou ficaram estropiados (muitos ainda vivem)? Somos a favor de um ressarcimento desde que ponderadas todas as dimensões, mais numa perspetiva humanista que qualquer outra.

Tudo isto entronca em dois temas que merecem destaque pela importância atual: *Sangue, suor e lágrimas. Desde a Maria da Fonte e Povo, Nação, País, Pátria, Estado*. O primeiro que expandiu um período negro da nossa História (1832-1834, guerra civil entre liberais e absolutistas) pouco mais de duas décadas depois, revolta da Maria da Fonte que se encadeia com a Patuleia (1846-1847). *Sangue, suor e lágrimas* com a emigração para o Brasil, com a Implantação da República, que levou milhares de portugueses a entrarem na Guerra de 14-18; com o Estado Novo, cuja ausência de liberdade estagnou o país; a guerra colonial (1961-1974).

Povo, Nação, País, Pátria, Estado, conceitos com os quais não teríamos problemas de maior não fora a ideologia que vai grassando na Europa e no Resto do Mundo. Os nacionalismos exacerbados sempre resultaram em desarmonia, nomeadamente guerras! Cabe à Educação não permitir o seu avanço; os órgãos de comunicação social constituem outro meio de informar cabalmente, evitando servir lóbis ideológicos constrangedores do desenvolvimento humano sadio

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, S. L. (2014). *Foi mesmo assim que aconteceu? Mitos, enganos e mistérios da História de Portugal*. Clube do Autor.

FAWCETT, B. (2015). *Os 100 Grandes Erros da História. Equívocos, Distrações e Disparates que desmoronaram impérios, arrasaram economias e alteraram o rumo do nosso mundo*. 6.^a edição. Clube do Autor.

FERREIRA, João (2010). *Histórias Rocambolescas da História de Portugal*. 6.^a edição. Esfera dos Livros.

MARTINS, L. A. (2015). *História não Oficial de Portugal. Uma maneira de contar como tudo aconteceu*. A Esfera dos Livros.

MATTOSO, José, dir. de (2011). *História da Vida Privada em Portugal. A Época Contemporânea*. Círculo de Leitores e Temas e Debates.

MATTOSO, José, dir. de (2011). *História da Vida Privada em Portugal. Os Nossos Dias*. Círculo de Leitores e Temas e Debates.

PEREIRA, J. P. (2022) *Proibido por inconveniente. Exposição no “Diário de Notícias”* Arquivo Ephemera.

RAMOS. R. (2012). *História de Portugal*. A Esfera dos Livros.

TAVARES, A. (2021). *Outra História. Outras Estórias. Crónicas do tempo que foge*. Bertrand Editora.